

Programas de baixo custo contêm devastação

Sucesso anima lideranças e amplia experiências de conservação de florestas

LIANA JOHN

O sucesso de alguns Projetos Demonstrativos (PDAs) começa a multiplicar experiências positivas de conservação da Amazônia e áreas remanescentes da mata atlântica, rompendo o círculo vicioso de exploração irracional e devastação ambiental, justamente onde a mudança é mais importante: na base. Os PDAs são projetos que utilizam pequenos financiamentos e são desenvolvidos por organizações não-governamentais – ambientalistas e sociais – ou órgãos governamentais de âmbito local. Os recursos são provenientes do Programa Piloto de Proteção às Florestas Tropicais do Brasil, o PPG7.

No total, desde 1996, os recursos comprometidos nos 134 PDAs somam quase US\$ 13,5

milhões para a Amazônia e US\$ 4,8 milhões para a mata atlântica, ou cerca de 6,5% dos US\$ 280 milhões do PPG7. Apesar do percentual pequeno, o potencial de transformação é grande. Sobretudo porque, em geral, os financiamentos privilegiam quem já trabalha, há anos, com pequenos produtores ou com projetos de pesquisas capazes de aumentar o aproveitamento de recursos naturais, modificar padrões de exploração predatória ou agregar valor à produção agrossilvo pastoril, em áreas próximas às florestas, diminuindo a pressão humana sobre a vegetação nativa.

Cinturão verde – No Pontal do Paranapanema, em São Paulo, por exemplo, os recursos do PDA vão financiar cinturões verdes em torno de assentamentos

de sem-terra, sobretudo nas divisas com florestas, onde ainda existem grupos de micos-leões-pretos, a espécie brasileira de primata mais ameaçada de extinção. Os recursos – US\$ 280 mil para os próximos 3 anos – intensificarão a atuação do Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), que já trabalha com os sem-terra

desde 97 e responde por um viveiro-escola, no Parque Estadual Morro do Diabo.

Passam pelos cursos do Ipê cerca de 400 lideranças de sem-terra todos os anos. Seis assentamentos do Pontal

têm seus próprios viveiros e incorporaram a agroecologia na rotina diária dos assentados. A experiência começa a chamar a atenção de lideranças de outras regiões.

Frutas – Assentados e colonos da região de Ouro Preto d'Oeste,

em Rondônia, também são os alunos dos cursos organizados pela Associação de Produtores Alternativos (APA). Em torno de 150 famílias, com propriedades de 150 hectares, cultivam 7 a 8 espécies florestais ou frutíferas de maior valor agregado. O projeto começou em 1992 com o enriquecimento de pomares domésticos e apicultura e – inserido no PDA desde 97 – incentiva hoje o plantio de palmeiras de pupunha e açaí para a retirada de palmito e polpa, respectivamente.

Em Marabá, no Pará, 41 famílias com propriedades de 100 hectares estão mudando a forma de exploração da madeira. Elas aprenderam com o Grupo de Apoio à Agricultura Familiar de Fronteira a derrubar com menos desperdício; fazer manejo florestal; aproveitar galhadas e madeiras desconhecidas em construções, cercas e na melhoria das estradas e já negociam algumas dessas espécies – como o pau-santo – com comerciantes de São Paulo. (Agência Estado)

POTENCIAL
DE
MUDANÇA
É GRANDE

27/10/99
DESP
A 10